

# TRINTEIVA LIVRE

1  
DEZEMBRO  
1973

A Biblioteca Pública de  
Braga

SEMANÁRIO DE CRIMINOLOGIA E ACTUALIDADES

DIRECTOR Interino: João Barbosa de Macedo  
Sede e Administração  
Comp. Impressão e Redacção

{ LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

## Bases da Reforma Penal

### quanto a penas criminais e medidas de segurança

As Actas da Câmara Corporativa publicaram o bem elaborado Parecer sobre o projecto de proposta de lei acerca das Bases da Reforma Penal no que diz respeito a penas criminais e medidas de segurança e dele se fizeram eco os órgãos de informação em resumos das palavras do preâmbulo.

Os dois importantes documentos escritos Proposta de Lei e Parecer vão ser objecto de minuciosa e profunda análise em sessões particulares e públicas da Assembleia Nacional e certamente será transformado em Lei.

Longa e difícil tem sido, desde fins do ano de 1852, a caminhada do Código Penal Português, através das modificações de meados de 1884 e de 1867, que aboliu a pena de morte (que aliás já não se executava há vinte anos daquela última data) até meados do nosso século. A Reforma Penal de 1867 introduziu o sistema penitenciário celular com isolamento diurno e nocturno dos presos, só podendo comunicar com pessoas que favorecessem o seu melhoramento moral.

Paulatinamente e de harmonia com o evoluir do Direito, sempre prudente e sem sobressaltos prejudiciais tanto aos presos como à sociedade, o mundo tem vindo a aperfeiçoar os seus códigos penais e nessa linha de rumo se insere e se situa este projecto do Governo, submetido há tempo às duas altas Câmaras legislativas acima citadas. E delas sairão melhoradas e aperfeiçoadas, na medida do possível, as Bases da Reforma Penal.

É de inteira justiça louvar os propósitos do Governo em assunto de tal importância e transcendência e que visam a possível melhor reintegração na sociedade dos indivíduos sujeitos a penas criminais e a medidas de segurança.

Uma coisa há a salientar na Reforma Penal agora em apreço, com o seu carácter salutarmente e cristãmente revolucionário. É a maneira como é encarado o delinquente no preâmbulo e no articulado dessa Proposta: «o projecto está orientado no sentido de ampliar em larga medida o tratamento não ins-

titucional, sem privação de liberdade». E linhas logo mais abaixo: «Outra sua característica é de proporcionar ao tribunal a adaptação da pena à vida do delinquente. Daí ter acolhido a prisão de fim de semana. De salientar também a possibilidade de evitar, através do chamado regime de prova, o estigma público da condenação, e de conseguir mais perfeita individualização de pena através da liberdade condi-

cional, facultativa ou obrigatória».

Com este objectivo, foi redigida e proposta pela Câmara Corporativa a seguinte redacção para a Base III: «A pena de prisão nunca é perpétua e, sem prejuízo do estabelecido para a pena indeterminada, para a conversão da multa em prisão por fins de semana ou por dias livres, tem a duração máxima de vinte anos e a duração míni-

«Continua na 4.ª página»

## A nossa famosa Lage desapareceu

Por—Paulo Macedo

Aquilo que na nossa meninice era ainda uma soberba e magestosa mole de fino granito, recebeu hoje, depois de ter sofrido os golpes do pico, do cinzel e da pólvora durante cerca de 60 anos, a última pá de terra.

Um catrapilar aterrou, com a sua potente pá, os últimos vestígios dessa montanha de pedra que tantas saudades nos deixou.

Muita gente assistiu a este autêntico «funeral», levados ali pela curiosidade da soberba máquina que, fazendo acrobacias, a toí subterrando e creio que nenhum dos presentes sentiu, como nós, um verdadeiro nó na garganta ao ver desaparecer por força da lei do progresso, essa lage que tão caras recordações nos deixou, apesar de termos sido, sem dúvida, o maior culpado de isto acontecer.

Vale a pena recordar, para conhecimento dos novos, o que foi esta lage, que a força de um pujante progresso, consumiu e fez desaparecer.

Esta lage era uma verdadeira montanha de granito. Quem, como nós, por ali passou a meninice, por ali entrou

(Continua na 3.ª página)

### Hospital da Santa Casa da Misericórdia

#### Serviço de Estomatologia

Informa-se o público em geral, que a partir do próximo dia 5 de Dezembro, entrará em funcionamento o Serviço de Estomatologia (Dentista) do Hospital da Santa Casa da Misericórdia.

Este serviço é extensivo aos Beneficiários dos Serviços Médicos Sociais das Caixas de Previdência, para próteses dentárias, desde que munidos, das credenciais passadas pelos respectivos Médicos, da Casa do Povo, e aos Beneficiários da A. D. S. E para tratamentos e próteses dentárias, desde que munidos do respectivo cartão de Beneficiário.

Já se encontra em funcionamento, o Serviço de Radiologia e Fisioterapia e o Banco (S. de Urgência).

## Notícias

### Importantes

#### Associação dos Bombeiros Voluntários

A nossa Associação acaba de receber, do Serviço Nacional de Incêndios, o subsídio de 57.000\$00 que se destina à compra de material diverso e de uma nova mota-bomba.

#### Governo Civil de Braga

A Direcção da Cooperativa Agrícola de Amares, a que preside o sr. dr. Joaquim Pereira de Silva, avistou-se, na segunda-feira, com o sr. Governador Civil, a quem expôs a situação difícil em que se encontra.

À audiência assistiram os srs. presidente e vice-presidente da Câmara.

#### Escola Preparatória

Estiveram, esta semana, na Escola Preparatória, os Engenheiros que vieram ver o estado das obras iniciadas o ano findo e que irão em breve recomeçar.

Também nos consta que chegaram à Câmara Municipal os mapas anuais destinados a pedir o 3.º ano para o próximo período lectivo. Os do ano passado não foram preenchidos a tempo por falta de elementos nem produziram efeito por falta de interesse. Não vá repetir-se o mal a juntar a tantos outros.

Em breve teremos de gastar muito espaço com este estabelecimento que tanto vem a dar que falar.

#### Santa Casa da Misericórdia

Reune no próximo dia 6 a Assembleia Geral da Santa Casa afim de adquirir um terreno que circunda as suas instalações e aonde vai instalar novos edifícios destinados à sua missão.

O nosso Hospital deverá no próximo mês iniciar novas actividades a fim de alargar o seu âmbito de acção. Para o efeito está a ser contratado pessoal especializado em número suficiente.

## 5.ª COLUNA

Tivemos na passada terça-feira o começo das sessões da nossa Assembleia Nacional, seja do Parlamento Português, desta feita com novos elementos a emoldurar o seu elenco.

De certo que a pleiada escolhida irá tomar decisões importantes sobre todos os aspectos da vida portuguesa e isso nos conforta para nos colocarmos na vanguarda dos povos que vivem em paz, sossego e bem estar, embora, por infelicidade, tenhamos quem nos atormente com o consentimento da Organização de Nações Unidas, cuja união trezanda a conflito permanente.

Pois a propósito do início da nova legislatura, votada por maioria esmagadora de eleitores, venho recordar, Leitor, um facto interessante que se deu há um ou dois anos, salvo erro, com a recepção que o Papa ofereceu a parlamentares de setenta e dois países reunidos em Roma para uma conferência interparlamentar universal.

Sua Santidade, como habitualmente, recebeu-os com a sua paternal bênção e os habituais conselhos. Entre estes, quase os apostrofou afirmando que «os Parlamentos em todo o mundo democrático estão mal equipados, por demasiadamente grandes e frequentemente dificultados em normas processuais demasiado formalizadas».

O «dizer» do Santo Padre é indiscutível, pois, segundo o que se lê e o que se ouve, os parlamentares — possivelmente por serem demais, como disse Paulo VI — são bastante prolixos, do que, aliás, o nosso ilustre Presidente do Conselho numa das suas excelentes «Conversa em família» já se teria queixado — que me recorde.

Face a semelhantes exortações feitas pelo Sumo Pontífice e pelo dr. Marcelo Caetano, um a todo o mundo e outro à nossa Assembleia Nacional, é de prever que o novo parlamento português sintetize o mais possível as suas discussões, pelo que faça votos.

O Leitor, certamente, dirá comigo: «Mais obras e menos palavras» — é o desejo unânime da comunidade nacional, não é verdade?

EME ABRIL

# Grémio da Lavoura

Entre os 16 procuradores reunidos no Grémio para aprovar o aumento de cotas, a que foi obrigada a Direcção por determinação superior, nove ficaram sentados e sete de pé porque não concordavam. Por dois votos ficou aprovado o aumento de 20% quando o aumento era de 50%. Ficou prometido pelo presidente, Sr. Dr. Joaquim Pereira da Silva, o concerto das máquinas existentes e a compra de outras novas para prestar aos sócios todos os serviços agrícolas. Depois desta afirmação, da boca de pessoa tão categorizada, todos concordaram com o aumento, ainda que fosse maior do que o pedido. Os sócios do Grémio querem benefícios e não olham ao pagamento que lhes seja exigido, para terem, em condições especiais, máquinas para os ajudar a lavrar as terras e malhar os cereais.

O Dr. Pereira da Silva fez depois uma exposição que não deixou de magoar os ouvintes, solicitado, pela sua categoria para dirigir o Grémio e fundar a cooperativa agrícola vê-se vítima do seu prestígio por falta de apoio ou de confiança de determinados sectores de que depende a aprovação Ministerial para por em funcionamento a Cooperativa que tem terrenos adquiridos e tudo o mais que por lei era exigido.

O Dr. Pereira da Silva colabora com elementos de talento e coragem e só êle chegaria para abalizar os restantes e o sucesso do organismo, que abandonará se o assunto não for resolvido. E depois da sua saída quem é que está disposto a completar a obra? Serão os críticos, os detractores do valor dos outros? O caso é para refletir por quem tem autoridade para resolver a crise boateira que compromete os homens e destrói o progresso, tão desejado e necessário ao país que se vê aflito com as dificuldades agrícolas e pecuárias tendo de recorrer a importações que nos prejudicam e não recomendam como Nação com capa-

**Telefone dos Serviços dos  
Bombeiros V. Amares 62162**

cidade para produzir como sempre aconteceu.

Para terminar direi que é menos oneroso para o Estado ter qualquer prejuízo com as cooperativas do que ter que dispor de verbas para comprar ao estrangeiro que atinge cerca de um milhão de contos.

*Elisio Gonçalves*

## GENTE NOVA

Na passada terça-feira, por volta das 11.30, deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a sra. D. Maria do Sameiro Araújo, esposa extremosa do nosso, assinante sr. Ernesto Vieira, proprietário da «Rival» desta vila.

O acontecimento foi festejado pois que o casal, que já tinha uma filhinha, vê agora aumentada a sua prole com um rapaz, o que é sempre do contentamento dos pais.

Mãe e filho encontram-se bem e Tribuna Livre felicita os felizes Pais, com o desejo de que o agora nascido cresça rápido e forte para engrossar as fileiras do F. C. de Amares e da «Rival».

# CAMPANHA DE AUXÍLIO

— AO —

## Futebol Clube de Amares

|                                  |                      |         |
|----------------------------------|----------------------|---------|
| Frederico Colona . . . . .       | F. Nova . . . . .    | 200\$00 |
| Ex.mo Padre Rosas . . . . .      | Torre . . . . .      | 200\$00 |
| António Soares . . . . .         | Fiscal . . . . .     | 20\$00  |
| José Veloso Soares . . . . .     | Besteiros . . . . .  | 50\$00  |
| João Marchante . . . . .         | Torre . . . . .      | 20\$00  |
| Diversos . . . . .               | Torre . . . . .      | 305\$00 |
| Francisco Ribeiro . . . . .      | » . . . . .          | 10\$00  |
| Alfredo Dias Antunes . . . . .   | » . . . . .          | 20\$00  |
| José F. da Cruz . . . . .        | » . . . . .          | 20\$00  |
| José da Tapada . . . . .         | » . . . . .          | 20\$00  |
| Augusto R. da Costa . . . . .    | » . . . . .          | 15\$00  |
| Joaquim J. Batista . . . . .     | Besteiros . . . . .  | 20\$00  |
| José da S. Pinheiro . . . . .    | S. V. Bico . . . . . | 50\$00  |
| José Vieira . . . . .            | F. Nova . . . . .    | 50\$00  |
| José Maria A. Macedo . . . . .   | » . . . . .          | 100\$00 |
| Raul J. da Silva . . . . .       | » . . . . .          | 100\$00 |
| Francisco Pereira . . . . .      | » . . . . .          | 100\$00 |
| Manuel Monteiro . . . . .        | » . . . . .          | 50\$00  |
| António Ramos . . . . .          | » . . . . .          | 200\$00 |
| Álvaro R. Dias . . . . .         | » . . . . .          | 50\$00  |
| João B. Macedo . . . . .         | » . . . . .          | 50\$00  |
| Francisco V. de Barros . . . . . | » . . . . .          | 100\$00 |
| Gualdino Ramos . . . . .         | » . . . . .          | 50\$00  |
| José Ramos . . . . .             | » . . . . .          | 50\$00  |
| Sousa «Mecânico» . . . . .       | » . . . . .          | 50\$00  |
| Armando J. Dias . . . . .        | » . . . . .          | 70\$00  |

**AUXILIE O F. C. AMARES**

# AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

movimentos do cão nem da sua rápida marcha.

Aonde ia o «Fiel»?

Fácilmente se adivinha. Tinha previsto o perigo, com o seu esplêndido faro, desde que o «Pardal» decidira seguir o caminho de El Pardo, e agora, parecera-lhe chegado o momento de ir afoitamente ao encontro desse perigo, na intenção de defender a sua causa.

Corre lesto pela encosta da abertura que conduz á cova. As suas vigorosas patas afundando-se na terra com o seu passo forte e resistente; o seu belo corpo lustroso curva-se horizontalmente; os seus flancos palpitam; sai foço das suas faces cintilam os seus olhos; as suas formidáveis mandíbulas preparam-se.

Num segundo percorre o trajecto entre a cova e o monte. Dir-se-ia um relâmpago, e é, na Verdade, uma verdadeira fúria.

Que nobreza, que vigor, que valentia há nos seus movimentos! É que oportunidade na sua heróica intrepidez! Porque o «Fiel» chegou ao princípio da abertura, no momento preciso em que a perseguidora de Carmencita e do «Pardal» se dispunha a entrar nela.

Nada de extraordinário, porém, tem esta oportunidade. O animal, com o seu espantoso instinto de «cão de guarda», e dos melhores, já vinha esperando o aparecimento da perseguidora havia já bastantes horas, desde que, com a leiteira suspensa da boca, voltava a cada passo a cabeça para trás.

Entretanto, Carmencita e o «Pardal» iam andando o seu caminho, crendo-se, inocentemente, seguros. Mas o cão vigiava, estava alerta, como uma sentinela vigilante velando por eles.

Chegou, pois, o momento preciso em que a sua presença se tornava necessária.

Uma mulher, já entrada em anos, de cabelos brancos e nariz afilado cujos olhos negros e encovados pareciam brilhar no mais recôndito das órbitas, vestida de rigoroso luto com um manto que lhe chegava aos pés, dispunha-se a saltar do monte para a abertura que conduzia á cova.

Era a infame e nefasta Gertrudes.

Não era tão incauta, nem tão pouco precavida, que não contasse com o cão. Pelo contrário, contava com ele, julgando que o

«Fiel» não lhe tomaria o passo, nem estorvaria as suas infames manquinações.

Senpre ao lado da duquesa de los Breños, Gertrudes conhecia o «Fiel» suficientemente, acreditando, portanto, que poderia amansá-lo. E era tal a confiança que tinha em si própria, em relação ao animal, que, ao notar o seu hálito quente perto do rosto, disse-lhe em voz baixa e torva:

—Quietos, «Fiel»... Sou eu!

E tratou de acariciá-lo.

Mas o cão, em vez de obedecer-lhe, rosou ameaçador.

—Não ouves, «Fiel»?... Está quieto... Deixa-me passar!

Ah! Não!... o cão estava guardando os seus e em vez de calar-se, rosou com mais força e abriu as suas poderosas mandíbulas, mostrando os seus temíveis dentes de fera.

Gertrudes, surpreendida, olhou-o, enraivecida.

—Então, não me reconheces? Sou eu, a «Trudes»... Quietos «Fiel», quietos!

O cão, sem deixar de fitá-la, continuou a rosar, ameaçador.

Gertrudes compreendeu que o antigo amigo se convertera em inimigo. Seria inútil tentar o que fosse, enquanto ali estivesse.

De momento, as suas más intenções estavam frustradas, em virtude da atitude do cão, que a todo o transe defenderia o seu posto. Todavia, Gertrudes não era mulher que retrocedesse perante aquele obstáculo, senão depois de ter intentado tudo para conseguir os seus fins.

Resolveu então refrear a sua cólera, o seu furor, e optar pela astúcia.

E assim, em vez de descer á abertura, deliberou sentar-se no monte, dulcificando quanto possível a sua voz, e dizendo ao animal:

—Rico cão! Pobrezito! Queres mais ossos, «Fiel»?

E, como se procurasse ossos para lhe dar, meteu a mão direita na abertura do lado esquerdo do vestido, desacolchetando-o e rebuscou, como quem procura qualquer coisa.

Pendente da cinta, na parte interior do vestido, Gertrudes trazia uma navalha de lâmina afiada. Empunhou-a com destreza, e atirou um golpe na direcção do pescoço do animal, na intenção de degolá-lo.

O cão, porém, não se tinha deixado enganar por aquele movimento. Os seus olhos de lince descobriram imediatamente a lâmina brilhante.

O animal retrocedeu, e o golpe foi dado no ar.

Logo, num impulso enérgico, deu um salto e cravou os dentes

(Continua no próximo número)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

### Conde de Ferreira

Depois da Independência do Brasil nenhum português abandonou essa terra que havia de ser descoberta para perpetuar a memória dos descobridores Luzitanos. Cabral juntou a ciência à coragem de aventureiro com desamor pela própria vida. Bastaria este feito para que Portugal fosse hoje considerado no Mundo como a maior nação do globo. Todas as nações Europeias e Asiáticas despejavam para lá todo o seu excedente demográfico. Não havia país mais promissor do que o Brasil, pelo seu tamanho e riquezas chamava a atenção dos povos famintos de muitas regiões onde a miséria andava à superfície. A Espanha a Itália e Portugal estava à cabeça do exódo. Esses nómadas, incultos e pobres por lá vagueavam a oferecer os seus préstimos de servidores humildes. Os portugueses, fundadores não tinham dificuldades porque manejavam o seu idioma e tinham lá os patrícios com quem podiam contar para os auxílios. Mas uns e outros em pouco tempo ficaram decepcionados porque a riqueza já era pouca para os que lá estavam desde a primeira hora.

O Brasil era sempre motivo para expectativas e campo aberto para novas descobertas porque é grande e ainda não tem população que o preocupe nem a fome o assusta por ser de clima propício a uma riqueza espontânea que é o reino vegetal e a temperatura não causar embaraços aos habitantes sempre enalorados com os raios solares dos trópicos. Portanto os cemitérios do Brasil estão peçados de cadáveres das mais diferentes raças que não voltaram à terra porque não encontraram a riqueza que procuravam. Dos milhões de portugueses que para lá foram poucos regressaram como desejavam mas quando vinham, ricos, mostravam a sua alma em obras de beneficência e filantropia. Os Conde de Ferreira e Agrolongo morreram cobertos de glória porque deixaram obras perpétuas. Vai hoje para o Conde de Ferreira o meu pensamento porque foi aluno de uma escola por ele fundada em Amares.

Essa escola está em ruínas e, como eu, milhares de alunos por esse Mundo espalhados e que lá fiseram o exame da 4.ª classe, apelam para o Ministro do E. Nacional para que não deixe desaparecer de Amares a memória do

grande amigo do concelho e do país que tem no Porto um hospital de alienados que honra a capital do Norte e deu ao governo da época uma lição de civismo e de amor ao próximo.

### Luís Adolfo de Sousa

Acaba de chegar do Rio de Janeiro o sr. Luís Adolfo de Sousa que é portador da mesma simpatia que o caracteriza. O entusiasmo com que fala do querido Brasil, provoca lágrimas a quem, como eu teve a ventura de conhecer o maior país da América do Sul e a maior descoberta marítima de Pedro Alvares Cabral. Estar no Brasil não significa ausência de Portugal. É impossível confundir as duas Pátrias tão identificadas estão e tanto amor desabrocha, abrangendo o Universo que para lá manda todas as raças para se libertarem dos déspotas que os governam. À chegada desse querido amigo muitos corações sentiram alegria pelas amizades que aqui tem. A sua vida literária torna-o um homem digno de respeito em qualquer ponto que se identifique. A maior novidade que nos conta o colaborador da Tribuna Livre é que tirou agora um curso de literatura Brasileira para juntar a outras que conseguiu no Brasil, país cheio de facilidades para aproveitamento das inteligências. Portugal deve muito ao Brasil, não pelo dinheiro que ganham lá os portugueses, mas pela riqueza da cultura que é disseminada por escolas portuguesas e Brasileiras o sr. Luís de Sousa tem por isso duas riquezas: dinheiro e inteligência demonstrada. E tem outra, muito maior, que é a modéstia e a bondade. Um apertado abraço de toda a Tribuna.

— Por —

### Elísio Gonçalves

Carrazedo

Amares

## TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

## Vida Alegre

### Aniversários

#### Fazem anos:

Hoje, passa o aniversário natalício da sra. D. Maria do Céu Gomes e da menina Maria Amélia Oliveira Arantes.

No dia 2 a sra. D. Maria José Dias Antunes e o sr. José de Azevedo Dias.

No dia 3 o sr. Mário Ramos e o nosso Editor sr. Paulo Barbosa de Macedo.

No dia 4 o sr. Artur da Cunha Cruz ausente na América do Norte.

No dia 5 o sr. Padre Luís João Antunes de Almeida, a quem Tribuna Livre cumprimenta efusivamente.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

## Paulo Barbosa de Macedo

Passa na próxima segunda-feira, dia 3, mais um aniversário natalício o nosso Editor sr. Paulo Barbosa de Macedo.



do, a quem felicitamos e desejamos longa vida na companhia de sua ilustre família.

Auxilie o F. C. A.  
Inscrevendo-se  
Como Sócio

## A nossa famosa Lage desapareceu

(Continuado da primeira página)

em provas desportivas das célebres motos de pau e principalmente os que tiveram a felicidade de assistir à faina agrícola no período das colheitas, nessa enorme eira paroquial, onde secavam, malhavam manualmente, e limpavam à pá os cereais, os nossos lavradores.

Éramos criança e não podemos esquecer ainda as referências que pessoas de destaque faziam, sobre o bulfício e azáfama que ali se verificava no fim das tardes.

Eram constituídas algumas dezenas de recintos cuja marcação era feita por cada um na véspera, através de algumas copas de palha milha. Ainda de madrugada, se o tempo estava firme, ali se deslocavam dezenas de carros dos lavradores da freguesia de Proselo, Caires e Besteiros carregados de espigas, que depois de um dia de sol iam ser malhadas pelo único sistema de então: o malho que 4 ou 6 malhadores empunhavam ao que se seguia o descarçamento manual, e depois a limpeza à pá contra o vento, e por último à seca final, no dia seguinte. Era um verdadeiro espectáculo este labor diário. Dezenas de pessoas nas suas eiras compartimentadas, procediam a todas estas tarefas entre cantares e risos de alegria.

Mas verdadeiro reboliço era quando se verificava uma mudança brusca no tempo.

Nos apertados caminhos que então davam acesso à Lage, todos esses lavradores, familiares e amigos, corriam para ali como para apagar um verdadeiro incêndio. De todos os lados surgiam catadupas de gente e, ali, de vassoura em punho, sacos abertos, eram recolhidos os cereais, apressadamente e metidos nos carros, ou em cobertos móveis que ali tinham alguns dos paroquianos. Essa aflitiva recolha era porém um verdadeiro espectáculo pela quantidade de pessoas e tarefas que envolvia.

Aquilo que hoje desapareceu era o cenário deste espectáculo. Para avaliarem a sua grandeza granítica citaremos que a sua área englobava todo o quartel dos Bombeiros e anexos, a Padaria, a Rua Sá de Miranda, a Praceta de Camões e a estrada de Vasconcelos até ao varandão ainda em pé. O porte da Lage, tal como ainda o conhecemos, era uma massa de granito de tal ordem que uma pessoa junto da porta principal da Padaria actual, não podia ver a casa que hoje é do sr. Felisberto Barbosa de Macedo.

O granito dali extraído durante cerca de 6 décadas, além de ter dado uma enorme receita, deu material de primeira qualidade, não só para milhares de casas, mas também e de propósito o citamos, deu todos os paralelos para pavimentar a nossa estrada nacional, desde a Ponte do Bico até Figueiredo, além de cubos para quase todas as nossas estradas camarárias.

Sobre esta Lage que recordamos com saudade, vão erguer-se mais edifícios, um pavilhão gimno-desportivo, uma piscina—e ainda bem.

Como o tempo passal

Ontem ainda vivemos todos este bulfício, símbolo de atraso, mas bonito, do princípio deste século das velocidades. Hoje assistimos ao fim duma montanha granítica, que não obstante a dureza da sua pedra azul, não resistiu ao ímpeto dum progresso constante e belo; amanhã quando as construções estiverem terminadas—e bem próximo será—e sobre essa Lage os homens desse amanhã virem um quartel dos Bombeiros, a Escola Preparatória, o pavilhão gimno-desportivo, piscina e Casa do Povo, a Rua de Sá de Miranda, a Praceta de Camões, dando lugar a dois cruzamentos de ruas dos mais importantes da Vila, Rua de Vasconcelos, Rua do Roma, rua de Proselo, etc, e o sem número de construções a que estas irão dar lugar,—perguntarão aos mais velhos: Porque é que este lugar se chama da Lage? — E lá estarão os avozinhos a contar-lhes todas estas maravilhas de antanho.

São facetas duma vida em constante evolução. Quem poderia vaticinar ontem que isto aconteceria tão breve...

Que isto sirva de lição para os que têm de fazer planos para o futuro. Programar sempre com vistas largas e sempre com o receio de que o progresso que hoje impõe o ritmo de vida nos ultrapasse.

# O Túnel sob a Mancha

A despeito da incrível velocidade com que o mundo caminha, na concepção de viagens lunares, permanências no espaço do Homem—homem, verifica-se não ser tão avançada a técnica como o avanço da inteligência humana.

Um simples violinista do Quebec, no Canadá, projectou um longo túnel, de vácuo total, anulado, por isso todo o atrito, onde circulariam misseis à velocidade de seis mil quilómetros-hora, o que permitiria viajar entre os continentes europeu e americano e vice-versa, no prazo de, apenas, uma hora e por preço imensamente modesto em relação a este transporte de avião ou barco, nos dias de hoje. Cada um dos misseis transportaria duzentas pessoas e tal projecto não é tão fantasista como à primeira vista parece, uma vez que a técnica NASA considera-o realizável.

E é após duzentos e tantos anos de investigação, reuniões, conclusões, fundações empresariais para ligar Londres a Paris, por meio dum túnel sob o canal da Mancha, que a 17 do corrente fixa normativamente tal realização, ignorando ou fazendo ignorar o precioso projecto do violinista de Quebec!

Deste modo, o mundo continua atrasado tecnicamente em relação a inteligência humana!

O túnel sob a Mancha é

produto do francês Desmarests, que projectou a construção subterrânea entre a ilha inglesa e o continente. Cinquenta anos volvidos, o engenheiro Albert Mathieu Favier propôs a Napoleão I a mesma construção, baseado, possivelmente, na ideia de Desmarests. Esse túnel seria iluminado por candeeiros de petróleo e destinava-se ao tráfego de diligências. A estrada era construída em dois troços de 15 quilómetros cada, separados por uma ilha artificial, a meio do trajecto, edificada sobre o fundo e até se lhe dera o nome de «Ilha Internacional de Varnes».

Mas a política napoleónica de expansão interrompeu

## Condições de Assinatura

### Estrangeiro

|                     |         |
|---------------------|---------|
| Avião—ano . . . . . | 180\$00 |
| Semestre . . . . .  | 90\$00  |
| Barco—ano . . . . . | 80\$00  |
| Semestre . . . . .  | 40\$00  |
| Avião—ano . . . . . | 180\$00 |

### e Províncias Ultramarinas

|                     |        |
|---------------------|--------|
| Semestre . . . . .  | 90\$00 |
| Barco—ano . . . . . | 80\$00 |

### Continente

|               |        |
|---------------|--------|
| Ano . . . . . | 50\$00 |
|---------------|--------|

esta ideia, da comunicação directa, por parte da Grã-Bretanha. Reatado, porém, o projecto, já apareceram os primeiros comboios a vapor e, portanto, pensou-se logo num túnel ferroviário. E foi o eng.º De Gamond que, depois de vinte e três anos de estudos, apresentou o projecto do túnel ferroviário a Napoleão III, que, tal como a Rainha Victória, quando dez anos depois lho apresentaram, ficaram, entusiasmados com a ideia.

Em 1573, todavia, é constituída uma Companhia e o eng.º Blancound propõe a construção de um dique no qual seriam abertas várias passagens para o tráfego marítimo. Logo apareceram no ano seguinte os técnicos ingleses a defender o princípio de uma ponte sobre a Mancha, que seria apoiada em 340 pilares. Em 1878 fica entendido—até se afigurava autêntico—começar a construir o túnel subterrâneo. E assim foi. Do lado francês, entre Escalles e Saugatte é cavado o primeiro poço com 88 metros de profundidade e os primeiros 1840 metros de túnel; do lado britânico, em Folkestone, também os ingleses abrem uma galeria com perto de um quilómetro de extensão.

Depois deste auspicioso começo vem o embargo dos técnicos militares conjuntamente (do lado inglês e francês) por medida de segurança nacional. Habilmente, porém, é eleito presidente honorário da comissão do empreendimento do túnel franco-britânico, o marechal Foch e, face a isso, a hostilidade militar cessou.

Os anos foram passando e naturalmente que a Técnica fora obrigada a ir actualizando os projectos. Em 1939 com o advento da II grande guerra mais se acentuou o ponto de espera e certo é que o obstáculo aquático, que já tinha servido à Inglaterra perante o avanço de Napoleão serviu igualmente para sustentar o avanço Hitler...

Como agora há necessidade premente da existência do túnel é de crer que a obra, começada já, chegue ao final há tantos anos ambicionado. Ainda assim, não por cepticismo, mas pela nova concepção do homem de Quebec, talvez não seja desta feita o «terminus» da ideia do francês Desmarests, em 1751—até porque a conclusão do túnel, ora começado, está prevista para 1980.

## Bases da Reforma Penal quanto a penas criminais e medidas de segurança

«Continuado da primeira página»

ma de dez dias.

2. A pena relativamente indeterminada consiste na aplicação de prisão com duração variável, entre um mínimo, que será igual a dois terços da pena concreta que caberia ao crime ou aos crimes cometidos, e um máximo, correspondente a esta pena aumentada até seis anos.

3. A prisão pode ser prevista por períodos correspondentes a fins de semana ou dias livres. A duração de cada período será no mínimo trinta e seis horas, equivalendo a dois dias de prisão. A prisão por fins de semana ou por dias livres pode ser aplicada num mínimo de três períodos e num máximo de dez».

Com esta Base ou outra semelhante, que vier a ser aprovada pela Assembleia Nacional, determina-se que o delinquente possa cumprir a pena nos fins de semana, para não perder o seu meio de subsistência e não se desinsere por tanto tempo do seu meio familiar. Esta disposição tem um alcance humano e cristão que merece todos os encômios.

Com o regime, de que trata

a futura lei, quere-se evitar o estigma público da condenação e conseguir mais perfeita individualização da pena através da liberdade condicional, facultativa ou obrigatória. Em suma, a pena deve ser um instrumento educativo, de reinserção de delinquente na sociedade e de recuperação. A Câmara Corporativa, no seu Parecer, sublinha ainda que o conjunto de providências que apresenta como substitutivos da pena de prisão representa a estrutura de um novo sistema penal. A aplicação deste importará, porém, que essas providências sejam dotadas de eficácia. Mas só a terão se a ajuda social em que se fundam for efectivamente prestada, e por pessoal devidamente habilitado. Não a prestar, ou reduzi-la a mera formalidade oficial, seria praticamente a renúncia à função punitiva e ressocializadora. Com toda a certeza, numa reforma de tal magnitude e transcendência oficial, as autoridades estão à altura do que se lhes exige a bem de todos. O passado é a garantia do futuro, neste caso e em todos.

M. V. G.

## Quadras

Amei-te só de me olhares...

O coração adivinha:

—Deus faz as almas aos Pares,

Fez a tua para a minha.

Como em lendas milagrosas,

Pela várzea, lés a lés,

Brotam cardumes de rosas

Aonde tu pões os pés,

O vento arrasta cantando

Folha a folha pelo chão

Só não arrasta as mágoas

Que eu trago no coração.

Julgavas que eu te q'ria,

Já te andavas a gavar.

Nem tudo quanto reluz

Oiro se pode chamar

CARROS DE ALUGUER  
PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

Adelino da Silva e Sousa

MOTORISTA DE PRAÇA

RUA DA DEVEZA N.º 7

PRAÇA  
TELEF. 22424

BRAGA

RESIDÊNCIA  
TELEF. 26220

Telefone dos Bombeiros Voluntários de Amares 62162

MILITÃO PORTO